



Director literario:

Antonio de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

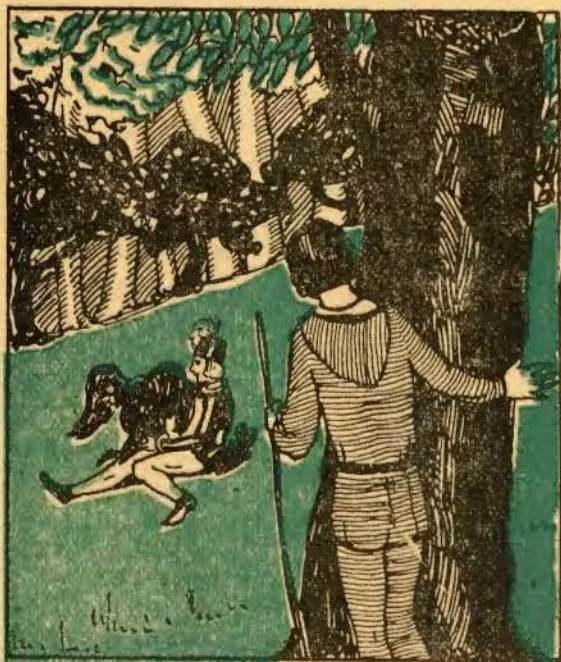
Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

O TESOURO DO GIGANTE

Por MARIA ROSA RESEDA
Desenhos de EDUARDO MALTA

NUMA aldeia, muito longe, viviam com sua mãe, uma pobre viuva, dois irmãos tão amigos que nunca se separavam. Muito pobres, a sua habitação era um miserável casebre, que, a todo o instante, ameaçava derufr. José, o mais velho, contava 15 anos; Antonio tinha 14. Ambos pastores, o que ganhavam mal chegava para os sustentar e acontecia, muita vez, irem-se deitar sem ceia. Contudo, se algum mendigo batia à porta, pedindo uma esmola, nunca deixavam de dar fôsse o que fôsse, embora êles ficassem com fome. E por isso na aldeia todos os estimavam. A pobre viuva era rendeira. Fazia rendas lindas, muito trabalhosas, que lhe pagavam por ínfimo preço. Marcavam-lhe prazos tão pequenos para a entrega dos trabalhos, que a pobre mulher passava muitas noites em claro, para as poder acabar a tempo. E assim iam vivendo cheios de privações, mas resignados com a vontade de Deus. Havia um tempo que José não parecia o mesmo.



Andava triste, pensativo, êle que era tão alegre, e quando lhe perguntavam as causas que haviam determinado aquela mudança, encolhia os ombros e não respondia. Até que um dia, declarou à mãe, que ia correr mundo, porque tinha um pressentimento que teria sorte. Ficava o irmão para a ajudar. Mas António, chorando, pediu que o deixasse ir e José, a quem na verdade custava a separar-se do irmão, cedeu. A mãe, vendo que não conseguia demovê-los do seu intento, arranjou-lhes um parco farnel e escondeu no alforje uma bolsita com algum dinheiro que recebera havia pouco. Numa manhã, cheia de sol, partiram um tanto comovidos, levando os alforjes às costas e, como defesa, os grossos cajados. Passaram por muitas terras sem que até ali nada de anormal lhes tivesse sucedido. Chegaram, por fim, a um reino e entraram numa estalagem para descansar. António, que não podia estar muito tempo metido em casa, foi dar uma volta pela cidade, deixando o irmão a dormir. Ao passar por um jardim repleto de lindas flores que exalavam um perfume delicioso e, vendo que o portão estava apenas encostado, não

poude resistir e entrou. Avistando ao longe um lago, onde deslizavam brancos cisnes, dirigiu-se para lá. Mas, de repente, ouvindo barulho, escondeu-se atrás de uma árvore e espreitou. Sentado na relva, estava um rapaz ricamente vestido, tendo sobre o regaço uma águia com as pernas amarradas. A mão direita segurava um longo alfinete que ele cruelmente enterrava na carne do pobre pássaro. A águia, a cada picada que levava, contorcia-se com do-



res, o que regozijava extremamente o mau rapaz que ria estúpidamente. Antônio, indignado, safu do seu ceceamento e exprobro, com severidade, o seu procedimento. Mas o rapaz deitou-lhe um olhar de desprezo e continuou com mais fúria a maltratar a desgraçada ave. Então, o pastor vendo que nada conseguia com palavras, tirou-lhe o pássaro, e, desatando-lhe as pernas, deu-lhe a liberdade. A águia livre, enfim, elevou-se nos ares, lançando ao seu salvador um olhar de reconhecimento. De súbito, Antônio sentiu-se agarrado pelas costas; alguns criados, tendo presenciado a scena, acudiam em auxílio do amo. O rapaz era filho do primeiro ministro do rei, um homem perverso que conseguira cair nas boas graças do monarca e que o povo detestava pelas suas crueldades. O pobre pastor foi levado à presença do rei e, por ter ousado tocar no filho do poderoso ministro, este, a quem o monarca deixara a escolha da sentença, decretou que lhe cortassem ambas as mãos. Enquanto esperava pelo suplicio, encarceraram-no numa escura prisão. Pode-se calcular o desespero de José quando soube do ocorrido. Com o coração a estalar-lhe de dôr, dirigiu-se ao palácio e, deitando-se aos pés do rei, pediu-lhe, entre lágrimas, que perdoasse ao irmão ou então que o deixasse ir para o logar dêle.

— Pois bem, disse o monarca, o teu irmão sairá em liberdade mas só com uma condição. Algumas léguas distantes daqui, existe, no meio de uma floresta, um castelo onde vive um temível gigante possuidor de um enorme tesouro. Se fores capaz de matar o gigante e apoderares-te do seu tesouro, não só teu irmão será posto em liberdade como te farei muito rico. Mas se não conseguires o que quero, sofrerão ambos as maiores torturas e, por fim, serão esfolados vivos. Dou-te cinco dias para executar a minha ordem. Nêsse mesmo dia, José, depois de se despedir do irmão, partiu cheio de esperança. Caminhou sem descansar porque cada minuto que desprezasse era um passo para a morte. Já tinham passado três dias quando chegou, enfim, ao seu destino. Mas que desapontamento sentiu, ao ver que um rio o separava da floresta tão almejada. Não havia nenhum barco e, por infelicidade, não sabia nadar.

Desanimado sentou-se no chão e grossas lágrimas deslizaram-lhe pelas magras faces. Estavam irremediavelmente perdidos; nunca mais tornariam a ver a sua pobre mãe que, de balde, esperaria por êles. De repente, ouviu uns latidos muito tristes. Olhando para o lado viu um cão

lazarento com uma pata ensanguentada. O animal fitava-o tão tristemente que José sentiu-se impressionado. Dando ouvidos ao seu bom coração, levantou-se e dirigiu-se para o cão. Examinando a pata, viu que tinha uma profunda ferida causada decerto por qualquer objecto cortante. Foi molhar o lenço ao rio para lavar a chaga mas, quando voltou, estacou estupefacto. No sítio onde tinha deixado o animal, estava um anão, embulhado numa capa amarela, que sorria maliciosamente, piscando muito os olhos.

— Sei o que procuras, disse o anão amarelo, mas sem o meu socorro nada poderás fazer. Como tiveste dô de um pobre cão que era eu, para te experimentar, serás recompensado. Toma esta varinha. Cada vez que te vires aflito pensa em mim, bate três vezes com ela no chão e logo serás socorrido. Mas toma sentido; — se, por acaso, a largares, não terá nenhum poder e correrás os maiores perigos.

E entregando-lhe uma linda varinha de condão, o anão fez desaparecer. José, muito contente, chegou junto ao rio e fez tal qual como lhe tinha ordenado o anão. Imediatamente apareceu um barco que o transportou para a outra margem.

A floresta era tão cerrada que nem uma formiga podia entrar nela. Com o auxílio da varinha, o pastor penetrou no bosque e encaminhou-se para uma mancha escura que se divisava ao longe: era o Castelo Negro. José entrou no castelo e depois de o percorrer sem encontrar ninguém, chegou a um subterrâneo. Sempre com a varinha muito apertada na mão, dirigiu-se para um quarto, o primeiro que se lhe deparou. Mas logo na entrada teve de fechar os olhos porque um brilho, muito vivo, ferira-lhe a vista. Quando os ponde abriu ficou maravilhado com o que viu. Montes e montes de pedrarias cobriam o solo, deixando apenas o espaço bastante para caber uma pessoa. Havia de todas as espécies: esmeraldas, rubis, saffras, pérolas, brilhantes, moedas de ouro e de prata, etc. . . , tudo aquilo scintilava, fulgia, formando um efeito maravilhoso. Estava ali o tesouro tão cobiçado pelo rei.



O pastor deu uns passos para se aproximar daquela riqueza e, só então, viu o Senhor do Castelo: o terrível gigante. Era de tal maneira horrendo que José sentiu um calafrio de medo percorrer-lhe o corpo. Com o estremecimento, a varinha caiu no chão e, quando José se dispunha a apanhá-la, o Gigante, vendo-o, soltou uma gargalhada diabólica e, estendendo o comprido braço, agarrou-

(Continua na página 7),



Era uma vez...

FERNANDINHO

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES

Desenhos de EDUARDO MALTA

— Fernandinho tinha cinco anos e um velocípede de três rodas que era toda a sua alegria, mas coitado do Fernandinho que não podia correr no seu velocípede. Morava num 2.º andar o Fernandinho. Por baixo não queriam barulho, e ele, em sua casa, não podia correr no velocípede pelo corredor, para não incomodar os vizinhos de baixo.

A rua não podia descer com o velocípede, porque lhe passava o carro eléctrico à porta, e ele podia ser atropelado, pois era muito traquinas.

Fernandinho era a vida de sua mãe.

Fernandinho era uma criança inteligente, queria ser homem, imitava-os no andar, a retorcer o bigode, e a fumar o seu cigarro, só de papel, o foi encontrar muita vez a mãe, que lhe achava muita graça e não lhe ralhava.

Fernandinho foi, um dia, visitar sua prima, na companhia de sua mãe. Sua prima era muito sua amiga, e nesse dia notou que Fernandinho estava triste; não lhe apetecia brincar, e pareceu-lhe que tinha febre. Era certo; Fernandinho estava doente. Sua mãe levou-o para casa e Fernandinho quiz deitar-se; quando passou pela cosinha olhou o seu velocípede que estava dependurado na parede. Deitou-se e não comeu; tinha mais febre. Veio o médico que prognosticou uma febre tifoide.

Receitou mas os remédios não lhe fizeram bem. Sobreveio uma meningite, que o médico só muito tarde viu, e Fernandinho morreu. Foi para o céu porque era um anjo.

A mãe chora o seu querido menino, e julga vê-lo, ali a um canto, escondido a fumar o cigarro de papel e a imitar



os homens. Chora sempre que vê as suas sandálias e os seus calçõesinhos de que ele tanto gostava.

Fernandinho já andava na escola; conhecia já todas as letras do abecedário, mesmo saltadas, e já juntava algumas.

Foi sua prima que lhe deu o livro do B-a-Bá; sua mãe agora não pode ver a sua malinha da escola que não chore. E sua prima já mais se esquecerá de Fernandinho.

Pobre Fernando, querias ser homem e morreste tão pequenino! Deus não quiz. Levou-te para o céu a fazer companhia às almas boas.

Devias ser na terra um bom cidadão, porque eras inteligente e tinhas bons sentimentos. No dia em que foste a enterrar a tua velhinha, aquela cegonha que tu ias lá abaixo buscar pela mão, p'ra que não caísse na escada, veio dizer-te adeus ao leito da morte; chamou por ti mas tu não ouviste! — «O meu grande amigo, o meu grande amigo! Ias sempre ao meu encontro, e chamavas-me a tua velhinha!» (E chorou muito sentida a morte do seu grande amigo.)

Ias lindo, Fernandinho, com teu fatinho branco de marinheiro, que tua irmã comprou para ires estrear à cova. A tua grinalda, as tuas flores e os teus sapatinhos, davam-te a graça que tu tinhas quando falavas e corrias atrás de tua prima.

E levou Deus deste mundo uma alma tão boa, e tão pura!... Padre Nosso... Ave Maria!..

Lisboa, 1 de Maio de 1926.

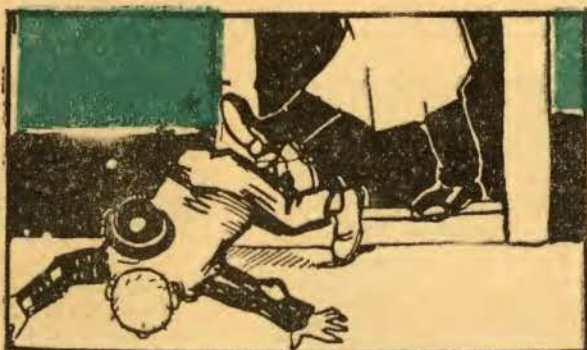
A VINGANÇA DO



De Agosto sob o calor
Que lhe estalava as palhetas,
O «Não-te-Rales», pintor
De portas e taboetas,
Caminha, mágro e sem côr.



A negra fome cruel,
— Coitado! — até o fazia
Mascar a ponta ao pincel,
Pois há muito que não via
Nem o mais parco farnel,



Isto expõe ao taberneiro,
Que, danado como um cão,
Aos pontapés no trazeiro,
O põe de ventas no chão,
A ganir como um rafeiro.



Mas logo, alento tomando,
Não-te-Rales dá um grito,
E diz, os punhos cerrando:
— «Has-de pagar-mas, maldito!»
E lá se vai, coxeando.



Bem boa vai ser a conta
Que eles terão de pagar!
Num instante a soma, e pronta,
Muito ufano vai mostrar
A cada qual quanto monta.



Mas — ó desapatamento! —
Repara que a freguezia
Se recusa ao pagamento;
E, numa pancadaria,
Cai tudo em cima do Bento.

"NÃO-TE-RALES,"



Numa curva do caminho,
Vê ao longe uma taberna,
Com o seu louro em raminho;
E apressado dá à perna,
Contente como um ratinho.



Entra e senta-se a uma mesa,
Come e bebe como um bravo;
Mas a cabeça lhe pesa,
Ao ver que nem um centavo
Tem pra pagar a despesa.



Fulo, danado, matreiro,
Decorrido um quarto d' hora,
É-lo pintando um letreiro,
Que vai pregar, sem demora,
A' porta do tabernelro.



Logo entra, a rit, um freguez,
Mais um, mais dois, muita gente,
E já Zé Bento, cortex,
Servindo-os, pensa, contente,
No bom negócio que fez!



Após quási o ter linchado,
A turba se afasta, então!
É o Zé Bento amachucado,
Sentado no meio do chão,
Vê o pintor a seu lado.



Que, com momices, troçando,
Para a porta da bodéga,
A rit se põe apontando;
E Ze Bento quási cega,
Quando isto vai soletrando:

Pra que à sua qualidade,
Um bom reclame se faça,
Hoje dou à sociedade,
Pão, carne e vinho de graça!

Secção para Meninas

COMO
SE FAZ
UMA
BONECA

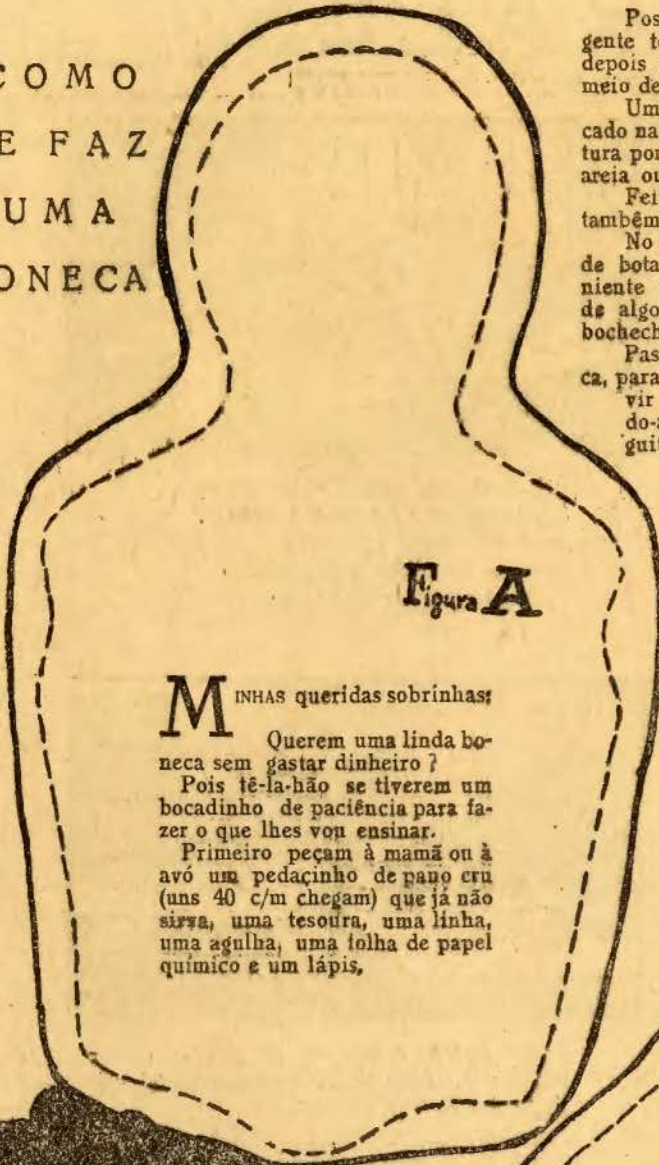


Figura A

M INHAS queridas sobrinhas:

Querem uma linda boneca sem gastar dinheiro?

Pois fê-la-hão se tiverem um bocadinho de paciência para fazer o que lhes vou ensinar.

Primeiro peçam à mamã ou à avó um pedacinho de pano cru (uns 40 c/m chegam) que já não sirva, uma tesoura, uma linha, uma agulha, uma folha de papel químico e um lápis,

Possuidoras dêste resumido material, que quasi toda a gente tem em casa, dobrem o pano em duas partes iguais e, depois de sobrepostas, passem para uma das suas faces, por meio de papel químico, o molde junto.

Uma vez passado o desenho cosam todo o pontoado indicado nas figuras juntas, deixando sempre, ao cimo, uma abertura por onde, depois de voltado o pano do avesso, deitarão areia ou serradura, o que é preferível para ficar mais leve.

Feito isto, cosa-se o que faltava e liguem-se, cosendo também, os braços e as pernas ao tronco da boneca.

No sitio do nariz, desenhado no pano, preguem um botão de bota, para lhe dar o necessário relevo. E' também conveniente coser às faces da boneca, umas pequeninas almofadas de algodão em rama, que servirão para fazer umas lindas bochechinhas.

Passe-se, depois, novamente, o desenho da cara da boneca, para um pedaço de pelica branca (para o que poderá servir uma luva velha) e aplique-o à cabeça, envolvendo-a toda até ao pescoço, à volta do qual passarão uma gaita a apertar, para que a cara da bonequinha não fique enrugada.

Com um pincel e tinta azul diluída, de aguarela, pintem-lhe umas pequenas olheiras e com tinta vermelha os lábios e as faces. Depois, com tinta amarela ou preta, o cabelo, que também poderá ser feito com um pedacinho de pele de coelho, cosida ao casco da boneca.

Façam-lhe, a seguir, um vestidinho comprido, uma touquinha de rendas, um saquinho para fraldas e levem-na a batisar.

Tia-Antónia

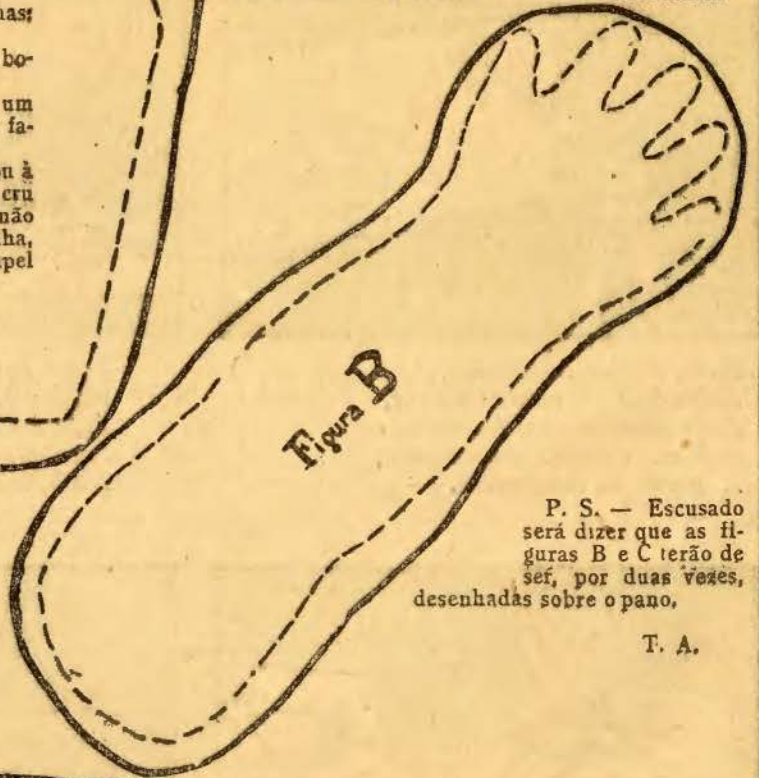


Figura B

P. S. — Escusado será dizer que as figuras B e C terão de ser, por duas vezes, desenhadas sobre o pano,

T. A.



Figura D

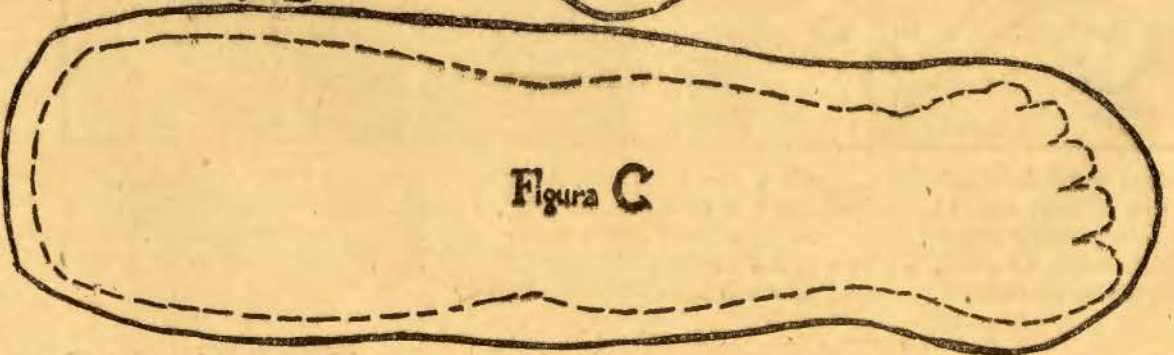


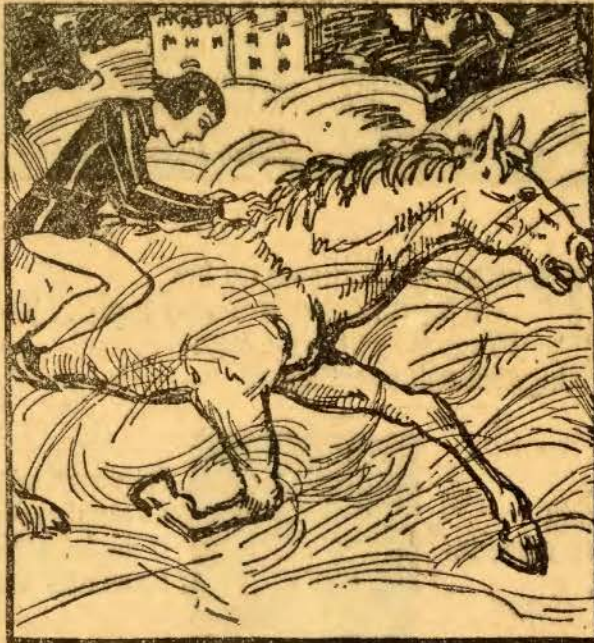
Figura C

pelo pescoço. Sem pronunciar uma palavra, meteu-o numa imunda enxovia, fechando a porta com grandes trancas de ferro. A claridade entrava apenas por uma fresta, deixando a prisão quasi às escuras.

Qual seria o destino do pobre José? Decerto o Gigante era apreciador de carne humana e o infeliz rapaz fornecer-lhe-ia um assado delicioso. O pastor entregava-se aos mais sombrios pensamentos quando, de repente, caiu a seus pés, a varinha de condão. Erguendo a cabeça, viu uma águia—a mesma que António salvara—dizendo estas palavras:

— «As boas acções são sempre recompensadas».

E, sem mais explicações, perdeu-se no espaço. De novo se encontrou José no quarto do tesouro. Mas agora resolutamente, com passo firme, dirigiu-se para o Gigante e bateu-lhe três vezes com a varinha do condão. Imediatamente ressoou um horrível grito que pôs os seus cabelos em pé e, no meio de rolos de fumo, o Gigante desapareceu. Então, José enchendo dois sacos de pedrarias e moedas de ouro, montou num lindo cavalo



branco que lhe apparecera, graças à varinha, e partiu, veloz, para o palácio do rei. Nêsse mesmo dia findava o prazo concedido pelo monarca que ficou contentissimo quando o viu chegar. Partiu logo, com a sua comitiva para trazerem o tesouro e, cumprido o que prometera, restituiu a liberdade a António e deu-lhes, a êle e ao irmão, metade do tesouro.

Imagine-se como a pobre mãe ficou contente quando os filhos regressaram sãos e salvos e, além disso, riquissimos. Como eram muito bons, nunca mais houve pobres na aldeia.

Um dia, estando os dois irmãos a passear, no seu jardim, appareceu o anão que lhes disse:

— Venho buscar a varinha porque já não precisais dela. Continuai a ser sempre bons e caridosos, porque como deveis saber: «Os maus serão castigados e os bons recompensados».

FIM

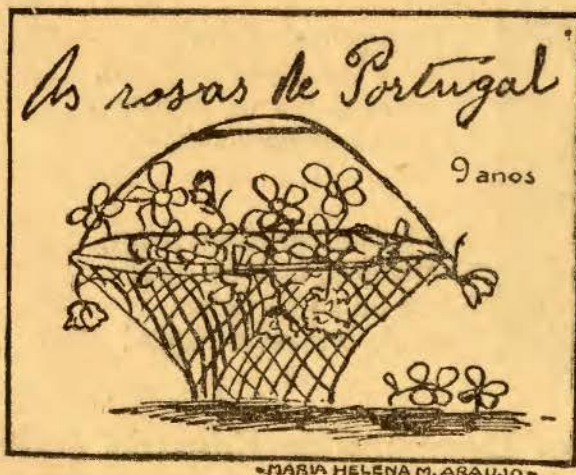
UM PLAGIATO

Da illustre escritora senhora D. Ana de Castro Osório e da magnífica revista mensal «De Portugal» recebemos duas atenciosissimas cartas verberando o procedimento do menino José Augusto Ferreira de Souza, o qual, abusando da nossa boa fé, nos levou a publicar, no nosso número anterior, uma sua prova de concurso, classificada com menção honrosa e intitulada: — «O Lobo e a Mãe do Menino» que foi textualmente copiada de um lindo conto da referida escritora, colhido da tradição oral, e publicado pela mesma senhora no número 4, 2.ª série, da mencionada revista.

Côncios de que os papás do menino não terão tido conhecimento de tão feio procedimento, aqui chamamos a sua atenção para que lhe dêem o devido correctivo e façam ver ao seu espirito, já de 14 anos, o respeito que a todos os meninos e a todos os homens deve merecer a propriedade alheia.

Escusado será acrescentar que, por tal facto, fica sem efeito a menção honrosa, ainda em nosso poder, que lhe foi conferida.

Colaboração infantil



ADIVINHAS

Quais as coisas, quais são elas...
Redondas e pequeninas,
Que, sendo duas donzelas,
Teêm todas as meninas?

Qual a coisa, cristalina,
Que se ouve ao nascer do dia,
E que, ao lê-la, uma menina
Toda se enche de alegria?

Decifrações das anteriores:

1 — Pego — 2 — Sobreira Formosa — 3 — Caminha —
4 — Vila de Rei.

PÁPIM PERDIDO

Passam vinte anos e ao fim
— (Jesus! como o tempo foge...) —
Pregunto por êle e hoje
Ninguém sabe do Pápim!

Quatro lustros já lá vão,
Sem se saber dêsse Infante
Que olhava o Mar, de um mirante
Por cima de um torreão.

Fugir... Pápim não fugia!
Morrer... também não morreu!
Então que lhe sucedeu?!
Por onde se sumiria?!

Como me perdeu a pista
E' que me deixa intrigado!
Se andava sempre a meu lado,
Se nunca o perdi de vista!

Virgem Santa, não me deixes
Sem o seu tão doce afago!
Só se me caíu no lago
Ao dar de comer aos peixes!

Mas se eu fiz vazar a agua
Que todo o lago continha,
E nada!... Virgem Santinha,
Condoe-te da minha mágua!

O' meu Deus, quem mo encontrasse!
Como sofrer esta sina?!
Só se foi nalguma esquina
Que para trás me ficasse!



Só se se pôs a chorar
O meu perdido tesouro,
E se foi atrás do choro
Para não mais regressar!

Se assim foi, Virgem Maria,
Faze, Santinha do Céu,
Com que eu vá atrás do meu
Para onde o dêle iria!

Não mais há-de ser achado
Um menino que se perde?!
Só se foi no balão verde,
Pelo cordel pendurado!

Só se foi no esconde-esconde,
Procurando um sítio a êsmo...
Tivesse encontrado um, onde
Se escondesse de si mesmo!

Ou sua própria figura,
Que no seu espelho de aço,
O puxasse, por um braço,
Lá para trás da moldura!

Por toda a parte, em redor,
O procurei, mas em vão!
Só se foi no corredor
Que mo levasse o Papão!